



## **GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.**

Maria Amélia de Lemos Florêncio<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo discutir a importância do tema gênero e sexualidade na Educação Infantil, enfatizando principalmente a atuação do professor diante de tais temáticas. Desse modo, por meio de uma revisão bibliográfica foi possível analisar o ponto de vista de alguns autores, discutindo conceitos e práticas necessárias que possibilite ao professor abordar tais questões, tão presentes no espaço escolar, de forma natural e longe de uma abordagem que retrate desigualdades e discriminação de gênero e sexo entre as crianças. Levamos em consideração a ideia de que a construção do gênero e sexualidade se dá de forma sociocultural. Por isso acreditamos na importância de se trabalhar tais temas nesta modalidade de ensino, a fim de contribuir com a redução do preconceito e da discriminação no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero – Sexualidade – Educação Infantil.

### **1 INTRODUÇÃO**

As discussões sobre as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares, sobretudo, na Educação Infantil, passaram a fazer parte das reflexões dos educadores e das práticas pedagógicas brasileiras, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) e posteriormente com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, uma vez que, estes documentos oficiais da educação no país resgataram tais temáticas. Contudo, recentemente novas discussões a respeito dos enlaces e entraves referentes à diversidade de gênero e sexualidade, ganhou ênfase no Brasil com a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>2</sup> para Educação Infantil e Fundamental em 2017. O mesmo apresenta algumas alterações, ou seja, o texto final retirou os temas referentes às discussões de gênero e sexualidade desta modalidade de ensino.

Assim, com as mudanças sugeridas a partir da BNCC no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade na Educação Infantil e Fundamental, as reflexões sobre tais temáticas têm se mostrado cada vez mais recorrente nos espaços educacionais e acadêmicos,

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UFAL). Licenciada em Pedagogia (UNIT). Mestre em Sociologia (UFAL). Professora efetiva de Sociologia da Secretaria Estadual de Educação de Alagoas (SEDUC/ AL). Endereço eletrônico: ameliaflorencio@hotmail.com

<sup>2</sup> “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (BRASIL, p. 7 2017)



principalmente, ao pensar o processo de desenvolvimento da criança, não apenas a partir das regras impostas pela sociedade como historicamente corretas ou erradas, mas, ao considerar a diversidade humana e sexual dos (as) alunos (as) para que estes (as) possam construir uma aprendizagem distante de uma abordagem impregnada de princípios preconceituosos, silenciadores e/ou distorcidos. Logo, mesmo com a retirada dos temas, não significa que os professores (as) não possam abordá-los, tendo em vista que fazem parte das demandas dos próprios alunos. Além disso, ainda constam em outros documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que embora não tão recentes ainda continuam em vigor. (SOARES; MONTEIRO, 2019).

Reiteramos que discutir as questões de gênero e sexualidade na Educação Infantil, se faz necessária por entendermos que a escola é uma prática política que pode e deve ser transformada e que possui uma grande importância no processo de formação da identidade de homens e mulheres e, a partir desses espaços que são transmitidos os conhecimentos produzindo e fabricando sujeitos. De acordo com Rêgo e Costa (2016), a escola em sua base, isto é, na Educação Infantil, é responsável em criar ou reverter valores de diferença e distinções de gênero. Portanto, é responsável pelas desigualdades que foram ou que são construídas no contexto escolar. Por isso, consideramos a escola como um espaço eficiente de enriquecimento e desenvolvimento identitário da criança. É na Educação Infantil que a infância deve ser vista e estudada não mais a partir de conceitos universais, mas historicamente e culturalmente localizada através dos sujeitos que vivem em lugares e tempos distintos.

Assim, a mediação dada pelo professor (a) a respeito das relações de gênero, caracterizando a historicidade, o corpo e as marcas culturais da criança, as práticas relacionais e os modos de educação, podem criar e desenvolver caminhos para que o desafio de promover uma prática educativa voltada para a sexualidade infantil deixe de ser ocultada e silenciada no ambiente escolar.

## **2 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

A Educação Infantil é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) como o primeiro nível de ensino da Educação Básica. A partir de um ponto de vista



histórico é uma das áreas educacionais que mais obteve avanços nas últimas décadas. Porém, ainda é um espaço que necessita ser pensado e repensado, pois muitos são os desafios a serem conquistados, principalmente no que diz respeito à ampliação de seu currículo e no desenvolvimento de estudos voltados ao debate sobre as questões de gênero e sexualidade neste nível de ensino.

De acordo com Leite e Maio (2013), as dificuldades em lidar com tais temas ainda são muito recorrentes, pois, as dúvidas e angústias em lidar com as manifestações sexuais das crianças, acabam ocultando e/ou até mesmo tratando de maneira inadequada tais questões, podendo levar, futuramente, as crianças a graves consequências.

Embora as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo em nossa sociedade e também nos espaços escolares, algumas condições sociais e culturais ideológicas a respeito do gênero e sexualidade tenham modificado, outras permanecem intactas nos espaços de socialização. Pois, como os significados ideológicos são transmitidos de geração a geração, estes acabam interferindo, na maioria das vezes, nos papéis desempenhados por homens e mulheres e nas compreensões de sexualidade. Esses elementos acabam por influenciar na formação das pessoas, desde a Educação Infantil e em diversos espaços, na família, na Igreja, no trabalho, mas principalmente na escola. (LEITE; MAIO, 2013)

A Educação Infantil se constitui em um espaço de aprendizagens e de desenvolvimento, de construção da identidade e de autonomia, de conhecimento do mundo físico e natural, deste modo torna-se um local de iniciação à vivência das diferentes linguagens, tais como, o movimento, a dança, os jogos, as brincadeiras, leituras, entre outros. Desse modo, as crianças passam a maior parte do tempo em contato umas com as outras, e, é dessa relação que o protagonismo da criança ganha destaque e que as potencialidades do convívio, em suas diversas formas de relação podem propiciar novas interações. (REGO; COSTA, 2016).

Isto oposto, de acordo com Cáceres (2011), a sexualidade é considerada por muitos de nós como algo “natural”. E, portanto, ao aceitar tal ideia torna-se sem sentido argumentar acerca de sua dimensão social e política ou até mesmo de seu caráter construído. Para outros, a sexualidade é algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano, ou seja, tal concepção baseia-se na ideia de que todos os “indivíduos viverão nossos corpos universalmente da mesma forma” (CÁCERES, 2011, p. 11). No entanto, aqui consideramos que na história de vida do ser humano, a sexualidade é entendida enquanto uma construção social definida por



marcas culturais impressas mesmo antes de nascermos. Ou seja, segundo Foucault (1988), a sexualidade é um dispositivo histórico, é uma invenção social uma vez que se constitui historicamente a partir de múltiplos discursos.

São no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, entendidas aqui, não apenas como as identidades sexuais e de gênero, mas também, as de raça, de nacionalidade, de classe, entre outras. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que são indagados a partir de diferentes situações e/ou agrupamentos. Se reconhecer segundo uma identidade supõe responder afirmativamente a um questionamento e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

No entanto, segundo Louro (1988, p. 81):

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir".

Ainda segundo Louro (2000) a sexualidade é algo “prendida”, ou seja, é algo que se constrói ao longo da vida, de muitas maneiras e por todos os sujeitos. Assim, pensarmos a sexualidade de um ponto de vista da educação é pensar, refletir sobre os discursos naturalizados e/ou socializados culturalmente colocando-os sob um ponto de vista de suspeita, permitindo desse modo novas formas de pensar, estimulando questionamentos sobre como nos constituímos.

Compreendemos a questão de gênero como uma condição social, através da qual nos identificamos como masculino e feminino, e não como algo naturalmente dado, mas sim construído social e culturalmente, ou seja,

A construção social feita sobre diferenças sexuais e de gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se aquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma sociedade, num grupo, num determinado contexto. (LOURO, 2000, p. 26)

Cabe, portanto, a escola perceber tais diversidades, abrindo espaço para as questões de gênero e sexualidade. Contudo, nem sempre tais questões são prioridades entre os modelos pedagógicos de boa parte das escolas de Educação Infantil. Na maioria das vezes estas buscam trabalhar assuntos diversos e, geralmente deixam os temas que envolvem as construções das identidades para outras demandas. (CÁCERES, 2011).



Lidar com as temáticas de gênero e sexualidade não é algo tão simples principalmente quando se trata de abordar tais questões com crianças. Porém, é necessário que as instituições sociais, sobretudo a escola, desconstruam seus padrões preconceituosos e busquem desenvolver atividades que tornam o espaço educacional mais crítico, sensível e consciente.

### **3 O PROFESSOR E AS DIFICULDADES EM DISCUTIR AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Pensar e refletir sobre as questões de gênero e sexualidade em um período de mudanças de valores, como a que estamos vivenciando atualmente, é algo complexo. Por isso, afirmamos que a abordagem de tais temas ainda é um assunto polêmico no espaço escolar e um grande desafio para o professor, pois este é responsável por um processo educativo que aborde e integre valores, diferenças individuais e de grupos, de costumes e de crenças.

Segundo Butler (2003), existe uma tendência em conceber as identidades de gênero e sexuais dentro de uma matriz heterossexual e assim, considerar as identidades possíveis e normais àquelas institucionalizadas por esta concepção, sendo desprezíveis outras identidades que escapem deste imperativo sexual. Deste modo, a escola, assim como, qualquer outro espaço de socialização, é marcada pela contextualização histórica e social, o que explica “as reproduções das estruturas de poder que um gênero tem em relação ao outro como também a exigência da heterossexualidade dada como sendo a orientação sexual natural dos seres humanos.” (HENRIQUE, 2017, p. 14)

Dessa forma, a falta de conhecimentos por parte dos professores da Educação Infantil, talvez seja um dos motivos pelas quais estes evitem trabalhar as questões de gênero e sexualidade nesta modalidade de ensino. O que acaba limitando o assunto no ambiente escolar e contribuindo para uma formação desfavorável. Logo, faz-se necessário que a escola realize um trabalho educativo que atenda a todos/as, isto é,

A escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. E, hoje, não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral. E os/as pedagogos/as têm uma importante ação nesse sentido (BRAGA 2010, p.280 apud LEITE; MAIO, 2013, p. 09).



Segundo Ferreira (2006 apud Leite; Maio, 2013), é no espaço escolar que os professores (as) criam e estimulam diferentes tipos de comportamento, de acordo como os/as alunos sejam meninos e meninas, ou seja,

a escola produz e reproduz conteúdos e identidades culturais. Reproduz porque, como faz parte da sociedade, participa das representações que, nessa, circulam. A escola também é reprodutora de cultura, por ser um microcosmo com capacidade de elaboração de práticas particulares, conforme as circunstâncias e os indivíduos que nela convivem. Em termos de reprodução de diferenças de gênero, devemos reconhecer que a própria organização do trabalho pedagógico em sala de aula, já vem muitas vezes marcada pela necessidade de estabelecer relações (FERREIRA, (2006) apud LEITE; MAIO, 2013, p. 72).

Dessa forma, podemos afirmar que os comportamentos são ensinados, levando as crianças a interpretar o passado e preservar seus valores, construindo assim padrões de conduta para ambos os sexos. E na escola, ou mais especificamente na sala de aula, que os alunos são submetidos às técnicas disciplinares, ou seja, segundo Foucault (2003) o disciplinamento atua diretamente na constituição do sujeito idealizado pela sociedade atual, bem como na transformação deste sujeito em algo pré-formatado, definido pela sociedade como “modelo necessário e indispensável”.

O professor é um sujeito social de grande importância no espaço escolar. E a escola sendo um espaço educativo desempenha um papel importante na formação das crianças. Portanto, refletir sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil, tornam-se bastante complexo, pois podemos encontrar na escola e/ou até mesmo na família pessoas com argumentações totalmente diferentes sobre assuntos ligados à manifestação da sexualidade. Portanto, abordar tais temas ainda se constitui como um grande desafio aos educadores.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio do presente trabalho, foi possível observar a importância de se trabalhar os temas gênero e sexualidade no ambiente escolar, mas especificamente na Educação Infantil, buscando distanciar-se nas noções e prenoções estabelecidas socialmente. Nesse contexto, o professor possui um papel fundamental, tanto na escola como na sociedade, pois cabe a ele se apropriar de tais conteúdos e buscar estratégias de ensino que levem os alunos a refletirem sobre suas próprias identidades de gênero e sexualidade.



A sociedade dita o que é certo e/ou errado a respeito do que é ser menino e menina, o que estes podem ou não sentir e fazer, no entanto, como discutimos no texto, a identidade de gênero e a sexualidade é algo construído socialmente, de acordo com a cultura, com o contexto histórico, político e social.

No entanto, é comum percebermos no espaço escolar as dificuldades enfrentadas pelos professores em lidar com as discussões de gênero e sexualidade. O que traz consequências para as crianças que devem manter um comportamento reproduzido pelo o que a escola determina, ou seja, comportamentos advindos de concepções pautadas por crenças equivocadas e convicções sobre o que é ser masculino e feminino. Por isso, ressaltamos a necessidade de que o professor deve romper com a acomodação ao lidar com as discussões de gênero e sexualidade. E criar possibilidades e alternativas, ampliar os conhecimentos, refletir sobre projetos que contemple tais discussões na Educação Infantil.

Assim, o que buscamos enfatizar é que o professor continua sendo responsável por estabelecer em sala de aula os limites, aprendizagens e atividades prazerosas que venham contribuir no desenvolvimento adequado nesta faixa etária, distanciando-se de uma abordagem que estimule as desigualdades sexuais e de gênero.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_, **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÁCERES, Gladimar Mariano. Educação, sexualidade e gênero na educação infantil: uma articulação possível e necessária. **Revista Diálogos Educacional**., Campo Grande, MS, v. 2, n. 2, nov/2011. p. 15-31.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. Volume I. A vontade de saber**. Tradução Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhan de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HENRIQUE, Morgana Larissa Maciel., SILVA, Vinicius., SANTOS, Jacques Fernandes. GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O que pensam as professoras e professores sobre o tratamento de meninos e de meninas na escola? **Revista Científica da FASETE**, 2017.2 p. 10-23.



LEAL, Nathalia Costa., ZOCCAL, Sirlei Ivo Leite., SABA, Marly. A Questão de Gênero no Contexto Escolar. **Revista Leopoldianum**, ano 43, n.121, 2017. p. 95-104.

LEITE, Lucimar da Luz. MAIO, Eliane Rose. Gênero e Sexualidade na Educação Infantil e a importância da intervenção pedagógica. **EPCT – VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. Universidade Estadual do Paraná, 2013. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_viii\\_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf). Acesso em: 29 de setembro de 2019.

LOURO, Guaracira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guaracira Lopes.(org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.04 – 24.

RÊGO, Raimunda Leônia., Andrade. COSTA, Maria Edileuza da. Gênero na Infância: Identidade e Sexualidade na Educação Infantil. **XII CONAGES – XII Colóquio Nacional de Representações de Gênero e Sexualidades**. V. 1, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/anais.php>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.